

*Os cabelos crespos de Zuri e Betina:
retratos do protagonismo negro na literatura infantil*

Tamires Oliveira Pereira¹

Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos²

INTRODUÇÃO

Na primeira infância, a oferta de boas referências, pela via da educação, pode contribuir para a construção da identidade das crianças a partir de uma visão positiva de si e de sua história. Para além do pertencimento étnico, a disseminação da cultura afro-brasileira do ponto de vista afrocentrado corrobora à superação de práticas discriminatórias, muito recorrentes no ambiente escolar. As literaturas infantojuvenis tratam de temáticas diversificadas que abordam a luta dos povos africanos e brasileiros e preservação da memória, perpassam pelos conhecimentos compartilhados via tradição oral, e introjetam elementos de valorização da cor da pele e dos traços físicos.

A promulgação da Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003 (Brasil, 2003), impulsionou o crescimento de produções literárias voltadas à identidade afro-brasileira. O letramento literário se apresenta como alternativa viável de associação das práticas sociais ao universo da literatura, e possibilita aprofundar o trabalho de valorização da estética afro nas escolas.

Um dos traços físicos mais bem representados e trabalhados nas obras infantis são os cabelos, enviesados pela multiplicidade dos penteados e pela tradição do trançado passada de geração em geração. Por esta razão, a escolha de dois livros da literatura infantil contemporânea – Amor de Cabelo de Matthew A. Cherry (2020) e Betina de Nilma Lino Gomes (2009), tem por objetivo apreciar o protagonismo negro na literatura infantojuvenil por meio do letramento literário e refletir sobre a necessidade da abordagem da estética afro para a construção da identidade das crianças na primeira infância.

Sabendo que o letramento literário exerce forte influência no trato da narrativa escrita no ambiente escolar, surge a seguinte indagação: quais as relações que se estabelecem entre a literatura infanto-juvenil e a temática da estética afro, no processo de construção da identidade

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, UNEB, Ba, Linha de Pesquisa: Linha 2: Letramento, Identidades e Formação de Educadores; Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia, UNEB, Ba (2013).

² Graduação em Letras Vernáculas com Inglês pela Universidade Católica do Salvador (1988), especialização em Estudos Literários pela UEFS (1993) mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (1996), doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (2001), pós-doutorado em Paraliteraturas (2003) e Filosofia da Arte (2004) pela Université Paris 8, em Estudos Literários (2015) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

da criança? Para compor a discussão teórica autores (as) como Nilma Lino Gomes (2003), Regina Zilberman (2012), Elisa L. Nascimento (2003), Antônio Sérgio Guimarães (1999), dentre outros, trazem importantes contribuições sobre a história da literatura infantil e a inserção de personagens negros, a influência e reverberações das teorias raciais na conformação da identidade nacional brasileira e as mudanças nas concepções de identidade étnico-racial provocadas pela luta dos movimentos negros, ainda no século XX.

A metodologia de pesquisa baseia-se em uma abordagem qualitativa a partir de revisão bibliográfica e documental, com vistas a promover a articulação entre a literatura infanto-juvenil com protagonismo negro e reconhecer a importância do letramento literário à promoção das discussões sobre a cultura afro-brasileira e africana no espaço escolar, do ponto de vista estético.

O SURGIMENTO DA LITERATURA INFANTIL

Zilberman (2003) pontua que a literatura voltada para o público infantojuvenil no Brasil, começou a se desenvolver no início do século XIX, porém a sua origem remonta à Europa do século XVIII, com bases, inicialmente pedagógicas e instrumentais, que somadas ao caráter da aquisição da linguagem e a relação entre fantasia e realidade, bem compreendidas pela literatura infantil, caracterizaram sua natureza ambígua e desvalorização por parte do público adulto.

A partir das composições burguesas europeias de constituição familiar universalizadas, a mulher e a criança ganharam novos papéis sociais, a primeira, teve sua ascensão no ambiente doméstico, aos cuidados do lar e dos filhos, a segunda, teve sua infância apartada do universo adulto. Com o passar do tempo a escola ganhou novas significações e desde então já provocava segregações entre estudantes de diferentes camadas sociais (Zilberman, 2012).

Nesse ínterim, a literatura infantil também passou por transformações já que o público infantojuvenil passou a ocupar o espaço escolar a partir da educação formal, assim surgiram os contos clássicos de origem europeia que se tornaram referencial de literatura. No Brasil não foi diferente, nos fins do século XIX, as obras começaram a ser publicadas com o mesmo objetivo pedagógico. Os personagens negros surgem décadas mais tarde, em formulações discriminatórias e estereotipadas (Jovino, 2006, p. 187).

Lima (2005, p.102) salienta que “o livro infanto-juvenil reordena as ideologias através de estratégias específicas”. Desse modo, as narrativas contribuíram para o agravamento da produção das diferenças e desigualdades, fortaleceram a condição subalternizada em que a

população negra se encontrava, sem protagonismo negro nem voz para que contassem suas próprias histórias.

Guimarães (1999) aprofunda a discussão de como se constituiu o racismo no Brasil ao longo do século XX, ao abordar os conflitos entre cientistas, teóricos e estudiosos para definir os conceitos de raça, etnia e preconceito aos moldes brasileiros. O país vivenciou o projeto de nação, baseado numa suposta harmonia nas relações raciais, a elite brasileira suprimiu as diferenças culturais e étnicas da história oficial, negou as origens de cada povo e o sentimento de pertencimento.

Se contextualizarmos o cenário político, acadêmico, econômico e social do século passado, é possível imaginar sob quais perspectivas, as personagens negras eram apresentadas na literatura como um todo. Lima (2005) faz um levantamento mais específico, de literaturas infantis brasileiras produzidas em diferentes décadas desta época, que vão desde a manutenção de imagens estereotipadas caracterizadas pela escravidão, trabalho, tristeza, exotismo e violência presentes nas ilustrações, às narrativas, que reforçam as estruturas de dominação já no período pós-abolicionista, deixando implícito o tipo de imagem negativa do negro e da negra que se desejava perpetuar.

A título de exemplificação, a série *O sítio do Pica-pau Amarelo* e produções derivadas, do escritor Monteiro Lobato, as quais as primeiras produções são datadas em 1921. A representação da personagem “Tia Nastácia” em suas variadas versões, seja na pintura grotesca dos tons da pele, seja das caracterizações implícitas de inferioridade, da condição de serviçal ou de descuido pessoal, enfatizam o papel subalternizado da mulher negra, à época (Lima, 2005).

Jovino (2006, p. 186) complementa que:

em Histórias da Tia Nastácia, ela ocupa, como contadora de histórias, histórias estas vindas da tradição oral, um lugar de inferioridade em relação a seus ouvintes acostumados a ouvir a leitura de histórias escritas. Tia Nastácia é negra e empregada, lugar de inferioridade sociocultural, e a mesma posição de inferioridade é mantida quando ela ocupa o lugar de contadora de histórias.

A partir de 1975, as produções literárias infantis passaram a evidenciar personagens negros, elementos da cultura, inclusive temas polêmicos, como o preconceito racial. A evidente mudança de postura de alguns autores, gerou novas percepções acerca do racismo, entretanto, algumas narrativas tendenciavam hierarquizações nos aspectos raciais, sociais e até mesmo estéticos (Idem, 2006).

Por muito tempo, essas representações foram reproduzidas e revelaram as profundas

marcas de racismo, ainda muito presentes em nossa sociedade, ideologicamente mascaradas pelo mito da democracia racial. Andrade (2005, p.120) salienta que “é a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, no livro didático e nos demais espaços mencionados que esgarça os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chega à fase adulta com total rejeição à sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à sua vida cotidiana.”

A literatura infanto-juvenil contemporânea das últimas décadas rompeu com as representações ambíguas, as personagens negras ganharam protagonismo e se tornaram narradoras de suas próprias histórias, ressaltando os diversos aspectos da ancestralidade, da tradição oral, da valorização da beleza negra, das mitologias e religiosidade.

Letramento literário na perspectiva étnico-racial

As relações com o cânone literário e a predominância da leitura de obras consagradas pela cultura hegemônica, vem sendo lentamente superadas pela disseminação de obras de ficção que conectam o leitor com a narrativa de forma mais expressiva e aproximada de sua realidade, na tentativa de superar, portanto, as limitações das práticas de leitura escolares.

Ressignificar os fins pedagógicos que caracterizaram o surgimento da literatura infantil, implica em uma nova postura do leitor diante do texto, visto que a identificação com a narrativa e com os personagens, impactam diretamente na produção de novos sentidos. Mobiliza, inclusive dentro do mercado editorial, autores e autoras a criarem produções literárias mais criativas e engajadas com as questões socioculturais, ou seja, que contemplem de modo assertivo as particularidades do universo infantil. O ambiente escolar também necessita ressignificar os espaços e práticas que fortalecem estigmas e valores hegemônicos, visto que é o local onde literatura tem seu espaço de maior expressividade.

Com o objetivo de desconstruir e refazer o imaginário popular de personagens negras nos livros, a literatura infantojuvenil contemporânea avoluma uma lista, cada vez mais diversa, de obras que remontam à ancestralidade, voltada para o orgulho da descendência, da cor, da textura dos cabelos, dos corpos, das histórias e nuances que coletivizam o pertencimento étnico racial.

Os contos populares, de tradição africana e afro-brasileira são também um importante modo de preservação da memória e da tradição, apesar de serem pouco valorizados pela literatura, a sua importância já é reconhecida. A força desta cultura está na possibilidade de novas experiências para percepção do mundo.

Se o letramento literário ocorre, predominantemente, no ambiente escolar, significa que

os elementos da cultura afro-brasileira e africana encontram ricas oportunidades de serem desenvolvidos a partir das obras literárias, não apenas nos primeiros anos escolares, mas por toda a trajetória acadêmica dos estudantes, independentemente da identificação étnica. Apresentações teatrais, movimentos artísticos, contação de histórias, atividades corporais como a dança ou jogos são bons exemplos de atividades que podem derivar da leitura literária.

O CABELO CRESPO NAS HISTÓRIAS INFANTIS: DUAS PERSPECTIVAS

O movimento de combate ao racismo e de valorização da estética afro, remonta ao século passado, dentre os variados movimentos sociais e manifestações culturais que registraram seu lugar na história, destaca-se o Teatro Experimental Negro.

Em defesa pelos espaços, busca por autoafirmação e luta pelos direitos, o TEN, liderado por Abdias do Nascimento, rompeu fronteiras através de suas realizações com o objetivo de garantir acesso à educação alternativa e emprego, valorização da beleza e dos talentos negros, visibilidade da arte e cultura negras através do teatro e de eventos culturais promovidos na época. A falta de representatividade positiva nos meios culturais, mobilizou o TEN a resgatar “o legado cultural e humano do africano no Brasil” e protagonizar o negro como forma de romper o cerco da recorrente folclorização a que a arte negra era enquadrada (Nascimento, 2003).

Gomes (2003) reforça a necessidade de pensar a identidade negra para além do pertencimento étnico-racial, como sujeitos sociais, os múltiplos marcadores que abrangem a cultura e a história, traduzem-se de formas distintas e complexas tanto no âmbito pessoal como social. Sendo este processo de construção gradativo e instável, ocupa primordialmente o contexto familiar, e manifesta-se em diferentes espaços institucionais ou não.

Lima (2005) problematiza a noção de cultura a partir da literatura ao indagar que “a cultura informa através de seus arranjos simbólicos, valores e crenças que orientam as percepções de mundo. E se pensarmos nesse universo literário, imaginado pela criação humana, como um espelho onde me reconheço através dos personagens, ambientes, sensações?” Se a literatura é comparada a um “espelho”, deve-se salientar a importância do trabalho com a literatura infantil na escola, pois contribui para a formação de cidadãos críticos e reflexivos, e pela sua grande incidência nos primeiros anos escolares, assume caráter formador na identidade da criança.

A indagação da autora reverbera no campo da educação, pois a escola enquanto importante agente mobilizador, pode contribuir para o espelhamento da cultura hegemônica,

normatizações e sistemas de valores, ou pelo contrário, juntamente com seus agentes, pode assumir o lugar da quebra de paradigmas, desconstrução de estereótipos, enfrentamento do racismo e de práticas discriminatórias por meio de diversas práticas pedagógicas inovadoras, entre elas a contação de histórias e atividades diversificadas.

É possível observar ainda os reflexos da atuação dos Movimentos Sociais Negros, articulados desde as primeiras décadas do século passado, por meio de políticas de ações afirmativas vigentes em todo país a partir dos anos de 2000, que se ainda não tem sua efetivação indiscutível, já provocam a superação de alguns comportamentos e representam conquistas das populações negras nos mais diversos espaços.

A escola tem a possibilidade de criar práticas para o combate ao racismo em suas estruturas sociais. Assim, marcos legais como a Lei 10.639/03 e 11.645/08 (Brasil, 2003; 2008) que tornou o ensino obrigatório da História e cultura africana, afro-brasileira e indígena em todo currículo escolar, assumem objetivo de amparar legalmente e contribuir de modo efetivo para a reparação história aos grupos étnicos subalternizados.

As mudanças provocadas após a promulgação da Lei 10.639/03, em específico, provocou o aumento de produções literárias infantis que ressaltam o protagonismo negro de forma positiva, sem estereótipos e com representações gráficas cada vez mais sofisticadas e modernas, a título de exemplificação, destacam-se as obras *Amor de Cabelo* (2020) e *Betina* (2009).

Se faz necessário destacar primeiramente a biografia do autor e da autora selecionados. O diretor de cinema, produtor e editor norte-americano Matthew A. Cherry é ex-atleta da *NFL-National Football League* (Liga Nacional de futebol americano). Segundo informações retiradas do próprio site do cineasta, a história do curta-metragem nasceu da escassez de produções de animação com vistas à valorização da estética dos cabelos afro. Em 2019, ano de lançamento, o livro *Hair Love* entrou na lista de *best-sellers* do *New York Times*, e em 2020, o curta-metragem de mesmo título, foi vencedor do Oscar na categoria de “Melhor Curta de Animação”.

A professora e pesquisadora Nilma Lino Gomes é brasileira, natural de Minas Gerais, possui doutorado em Antropologia Social pela USP (Universidade de São Paulo), integra a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros – ABPN. Possui vasta experiência no campo da Educação e Diversidade Cultural e já recebeu diversas premiações pela sua competência e engajamento, como o Troféu Yalodê, do Projeto Raízes de Áfricas - III Festival de Palavras Pretas (2011). Em 2009, escreveu seu primeiro livro infantojuvenil *Betina*, já em 2013 lançou *O menino coração de tambor*.

Na tese de doutorado de Gomes defendida em 2002, intitulada *Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte*, posteriormente transformada em livro, foi observado que as histórias dos sujeitos entrevistados, alguns proprietários de salões étnicos, envolviam em algum aspecto, o ambiente escolar como local de vivências de racismo e discriminação na infância e/ou adolescência, por conta da estética de seus corpos, mais especificamente, dos seus cabelos (Gomes, 2003).

A primeira obra, intitulada *Amor de cabelo* de Matthew A. Cherry (2020) com tradução de Nina Rizzi e ilustrações de Vashti Harrison, publicado pela Editora Galerinha Record. A história infantil começa com frases inspiradoras que mostram a relação de respeito e autocuidado da personagem Zuri com seus cabelos. Logo cedo, ao acordar, a menina deseja ter um penteado que viu na internet, para celebrar o retorno de sua mãe para casa. As próximas páginas focam nas tentativas de seu pai em fazer penteados que frustram Zuri, nesse ponto, o recurso ao *tablet* com o rápido acesso à rede torna-se instrumento de resolução prática para o problema da trama. Pai e filha resolvem seguir o passo a passo de um tutorial da internet, e o cabelo fica perfeitamente finalizado.

Nas últimas páginas, a personagem põe a sua capa de super-heroína e reencontra com sua mãe na porta de casa. As ilustrações de Vashti Harrison se revelam coloridas e vibrantes com a presença dos tons de rosa e/ou violeta na maioria das páginas, as imagens denotam cenas do cotidiano: quarto infantil bagunçado, brinquedos espalhados, rabiscos, parque infantil, ambientes da casa dos personagens como o banheiro, onde a maior parte das imagens são retratadas.

Há referência da boneca negra e do carrinho azul, porta-retratos de momentos importantes da família, o gato da personagem principal, presente em muitas cenas, incorporando ares de fantasia à história por meio de expressões. O cabelo da personagem é preto e volumoso, em diversas páginas está solto ou é representado pelas tentativas frustradas de penteados do pai, este personagem é jovem, negro tem tatuagem, cabelos compridos e trançados.

O segundo livro selecionado *Betina* (Gomes, 2009) conta a história da relação entre neta e avó ao trançar os cabelos, constituída por momentos recheados de afeto e brincadeiras, a menina fica contente a cada penteado. No decorrer da história, Betina é bem recebida no espaço escolar com elogios da professora e torna-se o centro das atenções ao explicar curiosidades aos colegas. A narrativa também evidencia as formas discriminatórias a que Betina é sujeitada por outras crianças contrapondo com uma resposta descontraída e segura. A história é enriquecida pelo diálogo tocante entre avó e neta sobre ancestralidade e a

necessidade de ensinar a Betina a arte do trançado.

Em um importante momento da obra, a avó conversa com a neta: *Você vai trançar o cabelo de toda a gente, ajudando cada pessoa que chegar até você a se sentir bem, gostar mais de si, sentir-se feliz de ser como é, com seu cabelo e a sua aparência*³. O tempo passa, a avó de Betina morre, e ela se torna “Betina-mulher-cabeleireira”, seu talento extrapola as paredes do salão, até que um dia recebe o convite para palestrar em uma escola e vive um momento ímpar de troca de experiências com os estudantes.

As ilustrações pintadas em aquarela, de Denise Nascimento, são ricas em significados, cores vibrantes perpassam todas as páginas, detalhes de apliques em renda configuram algumas páginas como alusão à perfeita feitura das tranças, é possível notar a variedade de penteados como um aspecto importante para o enredo. Há imagens que sugerem brincadeiras na infância num contexto de diversidade e referencialidade através da boneca negra, observa-se em várias páginas os cabelos, os corpos, os animais em movimento denotando um aspecto salutar que traduz muito das pesquisas de Nilma Lino Gomes.

Finaliza-se a análise da obra, com a expressividade das personagens, o olhar, em sua grande parte, é desviado do encontro com o leitor para o foco da contemplação, do sonho, do futuro. O próprio nome da personagem principal, parece referir-se a uma das cabeleireiras participantes da pesquisa em quatro salões de Belo Horizonte e citada no livro *Sem perder a raiz - Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra* (Gomes, 2019).

Entrelaçamentos das histórias

As histórias infantis citadas apresentam meninas negras como protagonistas meninas negras, em faixa etária semelhante, as quais demonstram autoaceitação e autoestima elevada, caracterizada principalmente pelos referenciais familiares, no trecho: *Papai diz que são lindos! Eu fico toda orgulhosa. Adoro que meu cabelo seja tão eu*⁴ denota a autoestima e o empoderamento da criança constituídos nestas relações. Alguns elementos implícitos de representatividade destacados pela presença da boneca negra, de fotografias de família reafirmando a constituição de suas memórias e a admiração de figuras importantes no cotidiano de toda criança como a professora e colegas de classe.

Outro aspecto interessante, é a presença de uma ilustração caracterizada pela imagem frontal que ressalta o rosto das personagens presentes em ambos os livros, chamando atenção do leitor para esse momento de apreciação da estética negra.

³ Gomes (2009, p.16)

⁴ Cherry (2020, p.3)

Outro aspecto relevante, é o modo como é operada a linguagem positiva, através de elogios ou apelidos carinhosos: *Que cabelo cheiroso!*⁵, referenciais de super-heroína: *Quando estou com dois puffs poderosos, fico nas nuvens, como uma super-heroína*⁶, e destaque da personagem Betina como empreendedora de sucesso: *Quem passava pelo salão de Betina saía de lá com os cabelos bem tratados, com penteados diferentes, tranças criativas, e cheio de energia boa! Parecia mágica!*⁷

No livro *Amor de Cabelo* (Cherry, 2020), a figura masculina, representada pelo pai com cabelos longos e trançados, assume carinhosamente o lugar dos cuidados com o cabelo da filha, ainda que desprovido de experiência e manejo. Assim, muda-se a perspectiva mais usual das histórias infantis, que abordam a temática do cabelo crespo, nas quais a figura feminina, a exemplo da mãe, avó ou tia, exerce o papel afetivo e geracional de cuidar/trançar os cabelos dos mais novos, valorizando traços da estética afro que incidem na construção de suas identidades, na postura firme e consciente diante dos padrões de beleza hegemônicos. Esse perfil de escolha dos personagens é encontrado no livro *Betina* (2009), pois não há presença da figura masculina, ou seja, a referencialidade do talento de trançar cabelos é geracional e feminina.

Sendo assim, as obras selecionadas podem agregar contribuições importantes para a construção da identidade da criança negra, particularmente a menina, pois desde muito cedo, recebe críticas e comentários negativos sobre a aparência, e o cabelo, em particular, é alvo de diferentes formas de preconceito sofridas principalmente, no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por força de Lei, fundamentalmente, com vistas a superar, ou pelo menos, problematizar as diferentes formas de racismo que o ambiente escolar ainda reproduz, as histórias infanto juvenis, se prestam ao papel, muito mais que pedagógico, de contribuir para a construção de referenciais positivos de si, de disseminação da cultura africana e afro-brasileira e aprofundamento de práticas antirracistas através da linguagem, das brincadeiras e das relações interpessoais desde a primeira infância.

Reitera-se, portanto a necessidade de engajamento da escola como local da referencialidade positiva no discurso de seus agentes, principalmente de professores e professoras, na comemoração de datas festivas mais situadas e sem estereótipos, nos recursos

⁵ Gomes (2009, p. 8)

⁶ Cherry (2020, p. 5)

⁷ Gomes (2009, p.16)

utilizados assim como nos livros didáticos, que possam contemplar todas as disciplinas. O uso da literatura é um caminho viável porque une elementos da fantasia e a ludicidade para tratar de temas diversos e muitas vezes complexos, alcançando o público a que se destina de forma divertida e interativa, como as obras *Amor de cabelo* (2020) e *Betina* (2009) citadas exemplificam.

Na superação do uso dos livros literários, para fins meramente didáticos, uma alternativa viável e problematizadora ocorre por meio do letramento literário, no qual a ficcionalidade das narrativas infantis possibilitam o estabelecimento de conexões mais amplas com as práticas sociais e produzem sentidos mais significativos para o leitor, enquanto criança negra, em processo de constituição de sua identidade. Desse modo, a incorporação de obras que retratem o protagonismo negro e elementos da cultura afro-brasileira reforçam as tentativas de superação das forças ideológicas que operam no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construindo a autoestima da criança negra. *In*: MUNANGA, Kabengele (org.) **Superando o racismo na escola**. 3ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2005, p. 111-118. 204 p.

BRASIL. **Lei Nº 10639, 09 de janeiro de 2003**. Brasília. DF, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 02 set. 2021.

BRASIL. **Lei Nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Brasília. DF, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm. Acesso em 01 set. 2021.

CHERRY, Mathew A. **Amor de cabelo**. Tradução de Nina Rizzi. 2. Ed. Rio de Janeiro: Galerinha Record, 2020. 32 p.

GOMES, Nilma Lino. **Betina**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009. 24p.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo. Raça e Racismo no Brasil. *In*: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999. 257p.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura Infanto-Juvenil com personagens negros no Brasil. *In*: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (org.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos AfroOrientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006, p.181-217.

LIMA, Heloísa Pires. Personagens negros. Um breve perfil na literatura infanto-juvenil. *In*:

MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Superando Racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.204p.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Teatro Experimental do Negro: tramas, textos, atore. *In*: _____. **O sortilégio da cor**: identidade, raça e gênero no brasil. São Paulo: Summus, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 1ª ed. São Paulo: Editora Global, 2012.